O DEMOCRATA

Semanário Republicano de Aveiro

AVENÇADO

ANO 40.º — Sábado, 21 de Fevereiro de 1948 — **N.º 2033**

VISADO PELA CENSURA

Redacção e Administração
Rua de Santa Joana, 35
Comp. e Imp.—IMP. UNIVERSAL-AVEIRO
R. Combatentes da G. Guerra—Telef. 125

Director e Proprietário
Arnaldo Ribeiro

Editor e Administrador
Manuel Alves Ribeiro
Correspondência dirigida ao Director
Publicidade Lisboa e Pôrto *Agência Havas*

MAIS UM PASSO

—o—

O Plano bienal de obras de interesse local anunciado pelo ilustre Ministro das Obras Públicas no dia do seu primeiro aniversário de acção governativa é mais um passo decisivo na obra de renovação integral do País.

Ele é a conveniência de um cuidadoso inquérito feito, em grande parte, pelo próprio Ministro que visitou mais de 200 concelhos onde ouviu reclamações, observou o que de mais urgente se tornava necessário realizar, conversou com as autoridades e estabeleceu as directrizes superiores para a elaboração do plano.

Este conjunto de 3.872 obras orçamentadas em 681.000 contos em comparticipação com as autarquias locais, é uma experiência que se realiza, abrangendo todos os concelhos do País. São estes trabalhos o complemento das grandes realizações do Estado Corporativo enquadrados no plano geral que leva a toda a terra portuguesa uma feição nova e que transforma radicalmente a vida rural. Só é possível em virtude da situação económica que se disfruta, da ordem em que se vive, dos princípios que nos regem, dos homens que nos servem, servindo a Nação de forma exemplar.

O Plano bienal é uma experiência, como se disse, ao qual o Estado oferece, além da sua valiosa comparticipação monetária, a assistência técnica indispensável. Do bom êxito da sua execução, resultará novo inquérito e novo plano, estabelecendo outra série de realizações.

Tudo isto terá reflexos incalculáveis na nossa vida rural, na defesa moral e sanitária das nossas populações, na comodidade dos habitantes, na elevação do seu nível de vida. Para tanto, basta notar que a quási totalidade da verba orçamentada se destina a obras de saneamento e de urbanização, a abastecimento de águas às povoações e a pequenos melhoramentos rurais.

Dentro deste plano são os distritos do Alentejo beneficiados com 436 trabalhos, sendo 146 no de Beja, 168 no de Evora e 122 no de Portalegre. No conjunto das obras, cêrca de 240 mil contos destinam-se a melhoramentos rurais, 164.000 a abastecimento de águas e 44.000 a redes de saneamento. Para creches e lactários se destina a importante verba de 36.000 contos e para arruamentos 72.000.

E' como vemos, uma obra grandiosa que não satisfaz ainda todas as aspirações locais, todas as necessidades observadas, mas que são o início de planos futuros e que são a objectiva realidade de uma política que a toda a parte leva os benefícios da sua prestimosa actuação.

Em factos concretos se exprime o ressurgimento nacional numa obra sem precedentes na administração pública de Portugal.

Há que notar, em todo o plano, o escrúpulo posto na escolha das obras inventariadas e a técnica rigorosa da sua elaboração. Nele não há interesses particulares ou partidários, pois o único objectivo considerado é o bem estar geral das populações e o progresso moral e material do País.

Considerando apenas as obras a realizar no distrito de Beja, destacamos, entre outras, e além de pavimentação de arruamentos e reparação de estradas e de várias edificações, a construção de dez bairros de casas para pobres e o abastecimento de água a 26 povoações, entre elas, à Vidigueira, Aljustrel, Ervidal, Almodôvar e Barrancos.

Com realizações desta natureza e com esta amplitude e projecção se acredita uma política que se torna credora do nosso mais sincero aplauso.

E. P.

Carta de um assinante

—o—

Dirigida ao director deste jornal, recebemos do Porto a que segue:

Amigo e sr. Arnaldo Ribeiro:

Na realidade eu precisava de um bom par de açoites por não ter pago em devido tempo a minha assinatura. Como tem, porém, um bom coração, já sei antecipadamente que serei perdoado.

Segue junto a importância de 40$00. Não quero troco. Sei o que custa manter um jornal na província; oxalá todos os assinantes assim pensassem e assim procedessem.

Então como vai essa saúde?

Quando fôr a Aveiro, pela Feira de Março, espero encontrar-me consigo no *novíssimo Pavilhão Municipal* para admirarmos, juntos, a *resistência* dessa *jóia arquitectónica*, digna de um museu de antiguidades históricas...

Etc. Etc. Etc.

Como se vê, para muito está guardada Aveiro—a cidade dos canais, das marinhas de sal e doutras coisas mais em projecto.

Ainda a morte de Bernardo Silva em Viana do Castelo

As ultimas homenagens ao director da "Aurora do Lima,,

EM FÃO—BERNARDO SILVA Á DIREITA DO DIRECTOR DE «O DEMOCRATA» APÓS O ALMOÇO QUE LHE FORA OFERECIDO NO RESTAURANTE *OFIR*, EM 31 DE JANEIRO DE 1947.

Depois da data apontada nunca mais tornámos a vêr. Viana é longe e nós não avesamos automóvel que nos leve a grandes distâncias por ficar caro à nossa algibeira pelintra. Por isso é que nunca mais voltámos a vê-lo. Mas sabíamos da sua doença e interessavamo-nos por esse bom velho de 82 anos que a morte acaba de levar para a Eternidade, dando-se até esta coincidência: quando nos foi transmitida a notícia do seu falecimento, trazíamos no bolso, para ser publicada, outra, que na Costa havíamos redigido, por sabermos pelo comum amigo Alexandre Gigante, de passagem em Aveiro, do agravamento dos seus achaques, terminando-a com votos sinceros pelos alívios, provenientes, embora, duma fagueira esperança. E assim nos separámos para sempre sem mais nos tornarmos a ver! Mas talvez isso fosse melhor para ambos...

Bernardo Silva teve um funeral condigno e a essa homenagem nos associámos em espírito. Realizou-se na manhã do dia 12, tendo antes de baixar à campa fria, sido proferidas pelo sr. dr. Rodrigo de Abreu, a pedido dos que com ele colaboravam no jornal, as seguintes palavras de homenagem e saudade:

«Há pouco, vários dos que trabalham na *Aurora do Lima*, queriam que aqui se dissecsem algumas palavras... Gostosamente me incumbi delas...

Trabalho, na minha tribuna independente, com a responsabilidade do meu nome, há muitos anos, no mais antigo jornal deste distrito, na *Aurora do Lima*—esse jornal que mantem e assinala, a cada passo, uma das mais vivas tradições regionais, oferecendo no presente, como o há-de oferecer no futuro, o concurso precioso e indispensável para ir colhendo do passado, dum passado que já tem cêrca de 95 anos—quási um século—os mais necessários e indispensáveis elementos para traçar páginas de variadas recordações de toda esta formosa região minhota.

Não me fica mal, está dentro do meu próprio dever que, se outro o não fizesse, eu dissesse, neste momento sério, duas palavras que são verdadeiramente imparciais, a respeito do velho e amigo director, a quem sempre devi a consideração e a estima de uma grande e perfeita camaradagem, que nunca me negou, nem o seu concurso valioso de jornalista, nem a sua digna confiança de amigo—de dentro do seu jornal independente—por vezes, tendo de empunhar a posição do próprio sacrifício, para vir ao encontro de velhas normas da sua boa camaradagem.

O sr. Bernardo Pereira da Silva, pela sua assiduidade dentro da *Aurora do Lima*, percorrendo com decisão todos os postos onde foi preciso chegar para que o jornal pervalecesse, ganhou, sem favor, a categoria de varão ilustre desta terra, porque, pela sua dedicação e esforço, com tenacidade, assim, conseguiu manter ao serviço do distrito uma *tribuna* de cima da qual, insuspeitamente, se tem conseguido com intransigência proclamar o progresso e o engrandecimento regional do distrito de Viana, com incontestável entusiasmo, com ferveroso dedicação.

E, para ser assim, nem todos, como nós, que temos vivido os segredos da vida íntima das redacções e dos jornais podem calcular quantas dificuldades, quantos sacrifícios, quantas horas amargas, quantos rasgos heróicos foi preciso vencer e ter para não ficar no meio do caminho, dessa assidentada e complexa viagem.

Duma modéstia beneditina, duma honestidade incontestável, dum comedimento reconhecido, sem espírito de aventura, concentrando o âmbito das suas aspirações, recatando-se no recinto apertado da sua redacção e do seu gabinete minúsculo e acanhado, o saudoso Bernardo da *Aurora* travou a sua vida, de mais de oitenta anos, numa luta áspera, difícil, dolorosa, mas digna, proveitosa e merecedora do reconhecimento público, porque a não viveu só para si, mas para a sua terra, para o seu formoso torrão regional, para a colectividade, a quem votava a maior dedicação e encantamento—servindo-os o melhor que soube e pôde.

O seu jornal que vinha de recuados tempos com uma definida tradição liberal e democrática, deveu-lhe um sincero empenho de manter essa linha tradicional, como, mais tarde, a partir de 1910, o seu propósito de íntegra independência, resistindo, com respeitável isenção, a muitas sugestões apaixonadas e facciosas para não quebrar essa linha cavalheirosa que melhor se adaptava á dignidade dos seus destinos e de suas tradições...

Aquelas tradições democráticas em que pontificaram figuras representativas desta terra, como os Barbosas, os amigos de Camilo, como, mais tarde, Silva Campos, João da Rocha Vasconcelos e outros que seria menos justo esquecer.

E' sem dúvida vultuosa a sua falta, e é dever nosso reconhecer a dignidade da sua luta, prestando merecido culto à sua memória, invocando-o nas nossas recordações.

Como seu camarada, como seu amigo, como testemunha da sua acção dentro da *Aurora do Lima*, interpretando o sentir de muitos amigos e de outros camaradas, em nome dos que na *Aurora* trabalham aqui lhe deixo estas pobres palávras de homenagem, de admiração e de saudade.»

O Democrata perfilha absolutamente as palavras do sr. dr. Rodrigo de Abreu e associando-se ao luto que pesa sôbre a veneranda *Aurora do Lima*, agora di-aigida, interinamente, pelo sr. Carlos Pereira da Silva, filho de quem tantos sacrifícios suportou anos e anos por via dela, aqui lhe expressamos com a nossa lealdade o desejo de continuarmos a antiga camaradagem que tanto tempo nos ligou, mantendo a união entre as duas cidades amigas.

Procissão dos Passos

Realiza-se amanhã a da freguesia da Vera-Cruz, única deste ano, por a confraria da Glória ter deliberado suspender a que costumava levar a efeito na segunda-feira desde a célebre questão que tal determinou.

Pensa-se, segundo consta, num entendimento conciliatório entre as duas.

Atenção para a 4.ª página

DIRECÇÃO ESCOLAR

Foi nomeado adjunto do Director Escolar o sr. Boaventura Pereira de Melo, natural de Avanca, onde exerceu o magistério.

A posse foi-lhe conferida pelo respectivo director, sr. Manuel Cardoso Ribeiro, tendo assistido grande número de professores, alguns vindos de fora.

De vez enquando

Já há tempo, não me lembra quando, dediquei nesta secção algumas palavras à próxima vila de Ilhavo para exaltar o seu desenvolvimento progressivo iniciado pelo ex-presidente do município Diniz Gomes, que em prol do comum trabalhou 25 anos de graça e prometi voltar ao assunto em ocasião oportuna, a qual me parece ter surgido agora com a visita que lhe fiz no dia de Entrudo, de tarde, acompanhado dum amigo.

Estavamos nós—eu e ele—postos em sossego, a contemplar, na Avenida, as obras do Cine-Teatro, quando, de repente, acordamos nesta coisa simples: irmos tomar o chá das cinco, como qualquer dama aristocrática, à *Pastelaria Estrela*, por hoje ser da moda na terra do sr. arcebispo Bilhano. E então partimos *direitinhos ao ninho*, sem sermos melros, onde muitos bicos já depenicavam, saboreando as várias especialidades da casa, realmente dignas de apreço e do reclame que lhe fazem. Depois, a seguir, fomos presencear o desfile pela Avenida Diniz Gomes—como deve ser chamada essa artéria de que os ilhavenses também se podem orgulhar, mostrando, assim, a sua gratidão ao homem que tanto trabalhou e realizou em benefício do concelho—não das mascaradas, mas dos lindos palminhos de cara que por ela deslisavam—rua abaixo, rua acima—a evidenciarem o seu garbo, o seu donaire, a sua gentileza. Palavrinha séria que tive a impressão, transmitindo-a ao meu companheiro, de passear na *Calle del Principe*, naqueles felizes tempos das minhas viagens frequentes a Vigo e do meu entusiasmo pelas pandeiretas das espanholas, dada a alegria que me transmitiam... Adiante, porém. Deixemos *nuestras hermanas* com todo o seu *salero* e não nos esqueçâmos da graça e dos sorrisos das ilhavenses, que bem o merecem.

Ora eu não sabia deste costume usado em Ilhavo, aqui a dois passos. Por isso me surpreendeu, me causou espanto, me admirou. Sim, senhor. Constatei que os nossos vizinhos compreendem a vida, mostrando que não são bisonhos. Excelente, pela animação que imprimem à vila. Só uma coisa, todavia, destôa: andarem no passeio, no vai-vem, de um lado para o outro a comer tremoços e pevides, atirando as cascas para o chão. Isso é que não está certo, não dignifica nem eleva ninguém.

A via pública deve ser respeitada, pois não é nenhuma montureira. Tenham os ilhavenses em atenção este reparo, que é de amigo, e ofereçam, em substituição das pevides, uns rebuçaditos ou chocolates às meninas, que dessa maneira adquirem maiores encantos e mais doçura...

Ora experimentem.

JOÃO DO CAIS

«O Democrata»

Teve grande procura o número da semana passada, que andou de mão em mão, foi àvidamente lido e mereceu o aplauso de toda a gente a quem interessa o embelezamento da cidade, nos seus vários aspectos.

Ainda bem que não estamos sós e que o público, compreendendo a razão que nos assiste ao abordarmos certos assuntos, vem até nós com os seus aplausos, para nos encorajar.

Faz agora 200 anos que a Câmara de Setúbal estabeleceu açoute, prisão, degredo, multas para os que cortassem árvores, pois a desarvorização tomava fóros de desvastação. Tanto não se poderia hoje, mas alguma coisa que evitasse o vandalismo que para aí vai, era preciso.

Um vento de insânia parece que está varrendo Aveiro de lés a lés, em todos os sentidos. Será porque asneira puxa asneira? Ou será porque desapareceu por completo o amor à terra devido à falta de muitos dos seus filhos a quem a morte levou?

Nós seguimos os conselhos do sr. Presidente da Câmara, verberando as selváticas acções praticadas de modo a *acordar na alma do povo sentimentos de vulto e de veneração por aquilo que, sendo de todos, não é especificadamente de ninguém.*

O ESCUDO PORTUGUÊS

Um semanário ilustrado de Milão. *L'Europeo*, chamado, noticiou, há pouco, com certo relevo, que dois únicos valores são cotados livremente, todos os dias, na Bolsa de Paris. Um, naturalmente, é o dolar. O outro não é, por motivos de ordem técnica e financeira, o franco suiço, nem é também a coroa sueca: é o escudo português.

E acrescenta:

«Para se compreender toda a profundidade da subversão de valores do mundo ocidental, basta este pormenor: a moeda portuguesa pode ser livremente cotada na bolsa mais importante do Continente europeu, ao passo que o orgulhoso esterlino, se afrontasse uma prova semelhante, encontrar-se-ia na posição de invendável ou veria perdida a convencional relação de um para quatro com o dolar, como já aconteceu no mercado italiano».

Se não é caso para nos felicitarmos por assim ser, francamente não sabemos o que querem alguns *patriotas*...

A pesca do salmão

Apareceram os dois primeiros peixes desta época no rio Minho, tendo um o peso de 12 quilos e o outro 10. Foram adquiridos por 3.520$00 para os hoteis de Lisboa.

Também gostamos. Mas mais de lampreia, que não tem espinha nem osso...

A FARMÁCIA PORTUGUESA

carece de protecção

As *Várias Notas*, que o sr. Paulo Freire escreve de Lisboa e o *Jornal de Noticias*, do Porto, insere diariamente, ocuparam esta semana a atenção do seu autor que, sobre o assunto que encima estas linhas, assim se pronuncia:

Na última reunião da classe farmacêutica e proprietários de farmácia, a que assisti, ouvi coisas muito interessantes e que vale a pena registar e salientar pois o assunto interessa não apenas às 1.800 farmácias representadas, mas ao público em geral. De que se tratava? De apreciar um novo aumento pedido pelos ajudantes e a que os proprietários de farmácia declararam não poder aceder por falta de rendimentos para isso. Quis me parecer, pelo que ouvi, que os ajudantes estabeleciam umas tabelas que, não resolvendo o assunto, iam colocar os farmacêuticos numa situação já mais angustiosa do que aquela em que vivem. A meu ver tudo o que se passa em volta da farmácia portuguesa carece de justiça e de bom senso. Eu não sei qual vai ser o futuro desses organismos, mas a questão, como digo acima, interessa o público, e é sobre este aspecto que eu tenho aqui que o analizar sem inclinações para nenhum dos lados em litígio.

* * *

Sobre a questão dos ordenados ouvi lá dizer nessa reunião que o farmaceutico está vivendo com o Regimento de 1933, portanto falho de actualização e ouvi apontar como causas da crise que afecta a farmácia portuguesa entre outras as seguintes: desaparecimento quase completo de manipulados, percentagens irrisórias na venda das especialidades, concorrência, nem sempre leal por parte de certos organismos que possuem farmácia própria, aumento de contribuições e de ordenados, o que tudo dá um desequilíbrio incomportável entre o que o farmaceutico recebe e o que tem que pagar. De facto, a maioria das farmácias portuguesas vivem numa quase miséria, mal ganhando o farmaceutico para acudir ao seu sustento e ao sustento dos seus. No entanto o público paga os medicamentos caríssimos e quem

paga as favas é o farmaceutico que se limita a uma percentagem pequena sobre os preços desses medicamentos.

Isto é assim e tal situação não permite ao farmaceutico nem viver decentemente, nem pagar equitativamente aos seus servidores.

* * *

A crise que ataca a farmácia portuguesa é, na verdade, grave, e tem vários aspectos. Eu que não sou farmaceutico e nunca fui sequer ajudante de farmácia, conheço um pouco o assunto e há quase quarenta anos que sigo de perto o desenrolar deste *drama* profissional. E porque conheço um pouco assunto acho que a culpa do que se tem passado e se está passando se deve, em grande parte, ao fraco entendimento entre os membros dessa classe que nunca soube, nunca quis ou nunca pôde pôr o seu problema em termos claros e precisos, vivendo mais de discursos do que de realidades práticas. O farmaceutico é hoje quase que exclusivamente um caixeiro dos Laboratórios que lhe fornecem as drogas em frascos e caixinhas, e para isto não se faz mister um curso dispendioso e de responsabilidade. Basta-lhe ter um armário e ir lá buscar o produto. A manipulação desapareceu. A especialidade é hoje senhora quase absoluta do mundo. Para o público isto que para muitos representa uma vantagem, reputo-o eu uma grande desvantagem na questão dos tratamentos, pois há muito se afirma que não há doenças, há doentes, e a dosagem que serve para uns não pode servir para todos.

* * *

Há muito que eu venho observando que em assuntos de farmácia, com prejuizo manifesto do público, está quase tudo fora dos seus lugares por ainda se não ter conseguido uma regulamentação exacta e precisa no que respeita a farmaceuticos e a ajudantes, a Farmácia e a Laboratórios. A barafunda e o caus predominam e nunca se sabe onde começa o farmaceutico e onde acaba o ajudante, quais as funções da Farmácia e quais as do Laboratório. Pensa-se muito e discute-se muito a questão de ordenados e muito pouco a questão do funcionamento farmacêutico, e era este que ao público interessava.

* * *

Ouvi dizer, na reunião a que me reporto, que se pensa na extinção do actual regime de farmácia em favor de certos organismos e em prejuizo dos farmacêuticos, com o ponto de mira num maior desenvolvimento dos Laboratórios.

A mim me parecia conveniente para a saúde pública, que é o que interessa, precisamente o contrário— um maior desenvolvimento da Farmácia em cordenação tácita e inteligente com os Laboratórios. Tem se abusado demasiadamente da palavra *especialidade* e pode afirmar-se que 90°/₀ das *especialidades* que aparecem no mercado estão na Farmacopeia e podem ser feitas ao balcão por qualquer farmacêutico que o seja de facto. Com esta vantagem—o que parece um absurdo—é que a tal *especialidade* custa mais dinheiro do que se o medicamento fosse manipulado pelo farmacêutico. Estes absurdos se por um lado têm enriquecido os Laboratórios, por outro têm empobrecido o farmacêutico que fica com a responsabilidade de uma carestia que lhe não pertence.

* * *

Finalizemos. Sinto que a farmácia portuguesa atravessa uma das mais graves crises da sua atribulada existência de há quarenta anos para cá. Sinto que o público paga caríssimos —incomportàvelmente caríssimos!—os medicamentos de que carece, exorbitância de que não têm culpa alguma os farmacêuticos, mas sim os que lhe fornecem esses medicamentos, dando-lhes a eles uma percentagem pequena, e fazendo à custa do público e dos doentes fabulosas fortunas. Sinto que a maioria dos farmacêuticos portugueses—que o digam os desgraçados farmacêuticos da província—vivem uma vida aflitiva, de quási miséria, mal ganhando para satisfazerem os seus compromissos oficiais.

Sinto ainda que neste mar revolto de protestos e de lamúrias, umas certas outras incompreensíveis, o público se vai sacrificando, não se podendo defender das doenças sem arruinar a bolsa, procurando em mèzinhas e curandices fora das farmácias o que a estas legitimamente pertence.

Este é o panorama. O resto não me interessa—porque não interessa ao público.

Tem carradas de razão o sr. Paulo Freire. Hoje, a classe, possue um Sindicato, um Grémio, já se falou numa Ordem, paga — e não é pouco — para uma Caixa de Previdência, mas a respeito de haver quem trate dos seus interêsses, dó palavriado e nada mais se vê de utilidade.

Poderá isto continuar?

A pergunta tem toda a oportunidade.

Atenção para a 4.ª página

Notas Mundanas

Aniversários

Fazem anos: no dia 23, a sr.ª D. Rosa de Matos Gonçalves, esposa do sr. Abel Gonçalves, e a menina Maria da Conceição Dinis Branco, ali de S. Bernardo; em 24, os srs. Luís António Duarte da Fonseca e Silva e José Rabumba (o Aveiro) residente em Leixões; em 25, a professora sr.ª D. Carolina Patoilo Cruz, esposa do sr. António Simões Cruz, sócio dos Armazéns de Aveiro, L.da; a sr.ª D. Isolina das Neves Vidal, viuva do nosso inolvidável amigo dr. Lúcio Vidal, de Vagos, e o sr. Manuel Gomes Gautier, industrial de panificação em Setubal; em 26, a sr.ª D. Maria da Costa e Silva Rebelo, esposa do sr. Victor Hugo Rebelo, professor na Granja do Ulmeiro, e a menina Isaura de Pinho Gilvaz, cunhada do sr. Jaime de Magalhães, ausentes no Rio de Janeiro (E. U. do Brasil) e em 27, a menina Maria da Soledade Lebre do Amaral Fartura, o estudante de engenharia Ricardo Maia dos Reis, filho do sr. José dos Reis, e os srs. Leandro Nunes da Maia, mestre de obras, Agostinho dos Santos Jorge, professor em Vagos, e Óscar Vieira da Costa, actualmente em Lisboa.

Partidas e Chegadas

Na companhia de sua sobrinha a sr.ª D. Maria José Trancoso partiu para a capital a sr.ª D. Maria Trancoso Magalhães, que ali passará algumas semanas.

—Depois de um ano de estadia na sua casa de Eixo voltou à actividade da sua vida comercial no Ceará (Brasil) para onde embarcou no vapor Hibary, o sr. Jaime de Pinho Neto Brandão, filho do professor sr. João de Pinho Brandão.

—Estiveram nesta cidade os srs. Gilberto Lopes Nogueira e esposa, residentes no Bombarral, e a quem agradecemos os seus cumprimentos; Diamantino Simões Jorge, da Taipa, e Manuel Dias dos Santos, de Requeixo.

Há indivíduos que quanto mais se agarram aos lugares em que exercem a sua actividade, mais se enterram. Por isso não passam de mortos vivos.

IMPRENSA

Turismo

O n.º 76, que acabamos de receber, engloba os mezes de Dezembro e Janeiro, apresentando-se, como os outros, com variada colaboração e artísticas gravuras. E' quási toda dedicada ao Natal e Ano Novo, mas também se ocupa de algumas terras provincianas, dando-as a conhecer, visto ser esse o seu principal objectivo.

E' uma revista que também agrada devido à sua apresentação, pois doutra maneira não seria nada do que o título indica.

Prosperidades lhe desejamos.

Comércio local

Acaba de mudar as suas instalações da Rua Manuel Firmino para o rez-do-chão dum prédio da Avenida Dr. Lourenço Peixinho a *Ourivesaria Matias & Irmão, L.da* que ficou agora num magnífico estabelecimento, rivalisando com os melhores do género da província.

A sua frontaria de linhas modernas e com as duas montras recheadas de valiosos e artísticos objectos dá nas vistas, atraindo as atenções do público que os admira, devido à sua diversidade.

Está montado com gosto, honrando, assim, a principal artéria da cidade, motivo por que felicitamos os seus proprietários, muito estimando que da sua iniciativa resulte o maior proveito.

* * *

Melhorou, igualmente, as instalações do seu estabelecimento de móveis da Rua Tenente Rezende o sr. Manuel Maria Leitão, que agora ficou modelar, em virtude das modificações que se operaram depois das obras que lhe introduziu.

A *Casa Leitão* honra, também, a cidade, devido à perfeição e solidez das mobílias que tem expostas e ao seu aspecto exterior, cuja fisionomia sofreu radical transformação.

Enfim: Aveiro só tem que se orgulhar com a modernização dos seus estabelecimentos, que traduzem progresso, motivo que nos leva a este registo com a certeza de que Manuel Leitão há-de ser devidamente compensado, como merece.

São esses os nossos desejos ao felicitá-lo.

Ciclista atropelado

No lugar da Quinta do Picado, freguesia de Aradas, do nosso concelho, foi no dia 10 colhido por uma camionete de carga, o que lhe produziu a morte, o sr. António da Silva Ventura, da Palhaça, tendo sido presos o proprietário do veículo, que o guiava sem carta, e o *chaufeur*.

A justiça averiguará das responsabilidades, tendo em vista a posição dum e doutro, como se impõe para haver rectidão.

NECROLOGIA

Maria Ruth da Silva Morais

Quem havia de dizer, Ruth, que um dia encheste com os teus encantos e os teus sorrisos, a tua graciosidade, a tua elegância e a tua alegria, esta sala onde estamos escrevendo, que ainda havia dedicar-te algumas linhas de pungente saudade ao ver-te partir na primavera da vida, para um hipotético Céu, acolhedor das almas boas e daqueles anjos que, como tu, são na terra uma esperança embora à mercê do Destino?

Quem o havia de dizer?

A Ruth não era de Aveiro; mas

D. MARIA RUTH MORAIS

como aluna da Escola Fernando Caldeira vinha cá e devido à sua gentileza, à vivacidade do seu espírito e a ser uma insinuante rapariga contava inúmeras simpatias. Além disso, era formosa, dotada de extrema bondade, possuidora dum coração de oiro. A morte, porém, espreitava-a e a Parca, acercando-se dela, cortou-lhe, aos 21 anos, sem dó nem piedade, o fio da existência, quando tudo são rosas brancas e ilusões fagueiras.

Deu-se a semana passada o triste desenlace em Eirol, pequeno burgo da freguesia de Requeixo, onde vivia com os pais, o sr. António Morais Mónica, chefe, aposentado, do caminho de ferro, e sua esposa, a sr.ª D. Maria da Silva Morais, que, desolados, sangram de dôr, pelo profundo golpe que lhes atingiu o coração em cheio. E lá ficou a inditosa Maria Ruth entre um montão de flores que lhe foram oferecidas, orvalhadas com as lágrimas dum povo que tanto lhe queria, tanto a estimava pelos dotes morais que a impunham ao seu respeito, e por isso a acompanhou à última morada, como nós acompanhamos neste doloroso transe os progenitores de tão esbelta donzela, que tanto os deve ter abatido e torturado.

Dr. Abílio Nápoles

Na sua casa de Barrô, suburbios de Agueda, finou-se no último domingo, com 61 anos, este antigo republicano, pertencente à falange dos que naquele concelho se distinguiram na propaganda do ideal, contribuindo para a queda da monarquia.

Após o 5 de Outubro o sr. dr. Abílio Napoles enfileirou no Partido Evolucionista e fundou *O Povo de Agueda*, que teve curta existência e no qual colaboraram outros republicanos que seguiram essa política.

A notícia da sua morte chegou tarde a esta Redacção e não deixou de nos impressionar, trazendo-nos à lembrança um período agitado da vida de *O Democrata* em que recebemos do então distinto confrade as melhores provas de apoio e solidariedade à campanha que levantámos contra determinadas personagens que tanto comprometeram o regimen.

O dr. Abílio Nápoles, que desempenhava as funções de chefe da Secretaria Judicial na sua comarca, há muito que se afastara da política mantendo-se, no entanto, fiel aos princípios que sempre defendeu, não obstante os desgostos que muito o abalaram e contribuiram para o seu acabrunhamento físico e moral.

No seu funeral, realizado civilmente, encorporaram-se, além da família judicial com o respectivo juiz sr. dr. Coelho de Campos, a quem foi entregue a chave da urna, numerosas pessoas de todos as categorias sociais, que formavam extenso cortejo.

O Democrata manifesta a toda a família do antigo colega de Imprensa e nomeadamente à sua viúva, sr.ª D. Virgínia Marques da Conceição, o seu cartão de condolências.

* * *

Em Alquerubim igualmente deixou de existir, a semana passada, o nosso assinante, sr. António Marques Frias, que durante largo tempo esteve no Brasil e ultimamente residiu nesta didade.

Tinha 54 anos, deixando viúva a sr.ª D. Emília dos Santos Frias e três filhos, sendo o mais velho o sr. José Marques Frias.

O enterro realizou-se com grande acompanhamento, sendo a urna conduzida no auto dos Bombeiros Voluntários de Estarreja.

Aos doridos, os nossos sentimentos.

Aos nossos assinantes de fóra do continente

De novo nos dirigimos a todos quantos recebem o *Democrata* e se acham atrazados no pagamento. Aos da **Africa Oriental** e **Ocidental,** aos da **Guiné,** aos da **América do Norte,** aos do **Brasil** e de outros pontos onde não há possibilidade de fazer cobrança pelo correio, que é a forma usada de há muito pela sua administração. Insistimos, pois, no pedido para que não deixem de vir ao nosso encontro nesta hora dificil a que a ultima guerra nos conduziu.

A imprensa da província agoniza, sobrecarregada com encargos que suporta para se sustentar e são contos e contos por ano. E' justo, portanto, que os assinantes de longe atendam este S. O. S. aflitivo e venham também, em nosso auxílio visto não podermos viver do ar nem doutra maneira equivalente, como é fácil de compreender. Já a circunstância de termos aos ombros o encargo de darmos todas as semanas o jornal é um peso que ninguém sabe avaliar o que representa, principalmente na época actual. Só por o muito amor e dedicação a esta terra—à nossa querida terra, à nossa Aveiro—podem crer—é que ainda o suportamos, sem esmorecimentos, sem dar o braço a torcer. Precisamos, no entanto, que não nos dificultem o caminho daqueles que o devem fazer, de modo a segui-lo com aprumo, dignidade e aquela independencia que tanto nos tem caracterisado e de que não desejamos abdicar enquanto o *Democrata* fôr... o *Democrata*.

« O Democrata »

ASSINATURAS

(Pagamento adiantado)

Portugal (Ano) .	30$00
Semestre . . .	15$00
Colónias (Ano) .	30$00
Estrangeiro (Ano)	40$00
Número avulso .	$60

ANÚNCIOS

Mais duma publicação, contrato especial.

Correspondências

Eixo, 17

Oferecido pelo sr. Arcebispo-Bispo, D. João de Lima Vidal, realizou-se no pretérito domingo, na residência de sua irmã, sr.ª D. Maria Máxima Vidal, um opíparo almoço a 50 crianças dos dois sexos, dos mais pobres da freguesia. Além do seu natural gesto de bondade foi mais uma prova de particular estima e afecto por esta terra, que lhe é tão cara.

Pela parte que me toca aqui deixo registado o meu reconhecimento, pois daquele participaram todas as crianças da «Sopa Escolar».

—Foi aqui profundamente sentido o falecimento, em Eirol, da infeliz Maria Ruth Morais, estremecida filha do sr. António Morais Mónica, antigo chefe da estação do caminho de ferro daquela localidade.

—Realizou o seu casamento Joaquim Martins Miranda, filho do proprietário-regedor sr. Manuel Martins Miranda com Maria Rodrigues Linhares, filha do sr. Mendo Martins Linhares.

C.

Teatro Aveirense

(S. A. R. L.)

AVEIRO

ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA

Conforme o Art.º 37.º dos nossos Estatutos, convido os srs. Accionistas a reunir em Assembleia Geral Ordinária no dia 7 de Março próximo (1.ª convocatória), pelas 14 horas, na Sede Social, com a seguinte Ordem do Dia:

1.º—Discutir, aprovar ou modificar o Relatório e Contas da Direcção e Parecer do Conselho Fiscal relativos ao exercício findo em 31 de Dezembro de 1947;

2.º—Tratar de qualquer assunto de interêsse para a Sociedade.

Aveiro, 16 de Fevereiro de 1948.

O Presidente da Assembleia Geral,

(a) CARLOS GOMES TEIXEIRA

Duarte & Pimentel, Limitada

—o—

Por escritura de 17 de Janeiro de 1948, lavrada nas notas do notário desta cidade, Dr. Abel João Saraiva, foi constituida uma sociedade comercial por cotas de responsabilidade limitada entre os srs. Severim Duarte e Fausto José de Sousa e Melo Freire Pimentel, nos termos constantes dos artigos seguintes:

1.º

A sociedade adopta a firma *Duarte & Pimentel, Limitada*, tem a sua séde em Aveiro, durará por tempo indeterminado e teve o seu começo em 1 de Janeiro do corrente ano.

2.º

O seu objecto é o comércio de comissões, representações, consignações e conta própria e qualquer outro ramo de comércio ou indústria que a sociedade resolva explorar e para que não seja necessária autorização especial, podendo montar sucursais ou filiais onde entender necessário.

3.º

O capital social, integralmente realizado em dinheiro, é de 40.000$00, sendo de 20.000$00 a quota de cada sócio.

4.º

Os sócios poderão fazer à sociedade os suprimentos de que ela carecer, nas condições deliberadas em assembleia geral.

5.º

A gerência e administração da sociedade e a sua representação em juizo e fora dele, activa e passivamente, serão exercidas por ambos os sócios, que desde já ficam nomeados gerentes. sem caução ou remuneração.

§ 1.º—Para que a sociedade fique vàlidamente obrigada é necessário que em todos os actos e contratos intervenham os dois gerentes, excepção feita aos assuntos de mero expediente, que podem ser assinados por um só deles.

§ 2.º — Aos gerentes é expressamente proibido usar a firma social em abonações, letras de favor e outras responsabilidades semelhantes, sob pena de o infractor responder para com a sosiedade pelos prejuizos que lhe causar com esse uso.

6.º

A cessão total ou parcial de quotas é livre entre os sócios, ficando dependente da opção destes quando se pretenda fazer a favor de estranhos.

7.º

Anualmente será dado um balanço, com data de 31 de Dezembro, devendo os lucros líquidos nele apurados, depois de retiarados 5 °/o para o fundo de reserva legal, ser divididos pelos sócios na proporção das suas quotas, termos em que por eles serão suportados os prejuizos.

8.º

Por falecimento ou interdição de qualquer dos sócios continuará a sociedade com os sobrevivos ou capazes e os herdeiros ou representantes do falecido ou interdito, devendo os ditos herdeiros nomear um de entre si que nela os represente a todos enquanto a respectiva quota se mantiver indivisa.

9.º

Dissolvendo-se a sociedade, serão liquidatários todos os sócios, que procederão à liquidação e partilha dos haveres sociais na forma deliberada em assembleia geral, de acordo com a lei; porém, desde já fica convencionado que, se algum deles pretender os mesmos haveres, serão estes licitados verbalmente entre os sócios e adjudicados ao que por eles mais der.

10.º

A sociedade poderá amortizar qualquer cota que seja penhorada, arrestada ou de outro modo sujeita a arrematação judicial e a amortização considerar-se-á efectuada mediante o depósito na Caixa Geral de Depósitos, à ordem do juizo competente, da quantia correspondente ao valor da quota, acrescida de quaisquer fundos e reservas segundo o último balanço.

11.º

Nos casos omissos regularão as disposições legais aplicáveis.

Secretaria Notarial, de Aveiro, 28 de Janeiro de 1948.

O Ajudante da Secretaria,

Celestino de Almeida Ferreira Pires

Propriedades

Vendem-se duas, sendo uma na Quinta do Gato com casa para habitação e cêrca de 7.200m² de terreno anexo, outra no sítio denominado *Freitas*, perto dos areais de Esgueira (Caião) com cêrca de 2.400m² de terreno.

Tratar com Salvador Rodrigues, na Preza.

Reformados da P. S. P.

Oferecem os seus serviços compatíveis com as suas aptidões. Aqui se informa.

Horário dos combóios

Partidas para o norte	Partidas para o sul
5,27 (correio)	0,24 (correio)
5,55 (tram.)	7,43 (tram.)
6,54 (mixto)	9,19 (rápido) [1]
8,05 (tram.)	11,13 (tram.)
12,56 (rápido)	12,18 (correio)
13,06 (tram.)	15,41 (tram.)
17,24 (tram.)	19,28 (rápido)
19,25 (correio)	21,54 (mixto)
20,39 (tram.)	Do Porto chegam tram. ás 19 10 e 21,07 que não seguem.
22,59 (rápido) [1]	

(1) Só se efectuem ás terças, quintas-feiras e sábados.

Linha do Vale do Vouga

PARTIDAS	CHEGADAS
7,55	7,31
15,15	11
17,38	19,12
20	23

Comarca de Aveiro

ÉDITOS DE 30 DIAS

(2.ª publicação)

Por êste Juizo, 2.ª secção, segundo Tribunal e nos autos de processo de querela que o digno agente do Ministério Público, desta comarca, move contra os reus António Maria da Graça, solteiro, jornaleiro, e outros, todos da Gafanha, correm éditos de trinta dias a contar da segunda e última publicação do respectivo anuncio, notificando o reu Manuel Maria Ferreira, conhecido pelo Manuel da Vaca, solteiro, jornaleiro, de vinte e dois anos de idade, filho de Manuel Luís Ferreira e de Custódia Pedra, natural e residente na Gafanha da Encarnação, mas actualmente ausente em parte incerta do país, para se apresentar no praso assinado, sob pena de o processo seguir à sua revelia, podendo, decorrido o praso dos éditos, ser preso por qualquer pessoa do povo e o deverá ser por qualquer oficial de justiça ou agente da autoridade, para ser entregue em Juizo, por se achar pronunciado pelo crime de furto, previstos e punidos pelos artigos 425, n.º 3, com referência ao artigo 421, n.º 3 e 4 do Código Penal, segundo a redacção do Dec. 35.978, e com as agravantes 1.ª e 10.º e 25 do art.º 34 do Código Penal.

Aveiro, 2 de Fevereiro de 1948

O Chefe da Secção

João António de Morais Sarmento

Verifiquei:

O Juiz de Direito

António Gurjão

Aos anunciantes de "O Democrata,

A quem tiver de anunciar nas colunas deste jornal roga-se a fineza de enviar á Redacção os respectivos originais, o mais tardar até ao meio dia de quinta-feira, a-fim-de evitar atrazos na sua confecção, visto ter horas certas de entrar na máquina e de ser enviado, depois de impresso para o correio.

Atenção, pois, srs. anunciantes